



OUTRAS ONDAS: REVISTA JOVEM SEMANAL¹

Débora Maria Moura MEDEIROS²

Roberta Felix DUARTE³

Raimundo Nonato Lima⁴

Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, CE

RESUMO

Rádio feito entre amigos, plural e informal, com uma dinâmica de produção que faz com que o ouvinte também se sinta parte de cada emissão. Essa é a proposta que permeia a série de programas intitulada Outras Ondas, produzida na disciplina de Radiojornalismo II. Colocados diante do desafio de apresentar um programa genuinamente jovem, proposto pelo professor Raimundo Nonato Lima, os estudantes buscaram o novo, traduzido em uma utilização original dos recursos de áudio, um roteiro dinâmico e em uma linha editorial que prima pela variedade de assuntos e foge do clichê de que os interesses do jovem se restringem ao que ditam as pesquisas de mercado. Esta rádio-revista, veiculada semanalmente pela Rádio Universitária FM 107,9 ao longo do período de 2008.1, foi uma experiência empolgante para todos os que dela participaram, pois mostrou na prática a capacidade que o rádio tem para se reinventar.

PALAVRAS-CHAVE: rádio-revista; radiojornalismo; programa laboratorial; juventude; Rádio Universitária.

INTRODUÇÃO

O programa Outras Ondas é feito pelos alunos de Radiojornalismo II, sob a orientação do professor Nonato Lima. O foco da disciplina é proporcionar aos estudantes a experiência de produzir uma série de programas radiofônicos, desde a construção do seu roteiro até sua veiculação. O produto deve ser informativo e educativo, de acordo com a linha de programação da Rádio Universitária FM 107,9 MHz, onde é veiculado semanalmente.

No período de feitura desta série de programas, o formato proposto pelo professor foi a rádio-revista, voltada para o público jovem. A turma foi dividida em duas equipes, que

¹ Trabalho submetido ao XVI Prêmio Expocom 2009, na Categoria Jornalismo, modalidade Programa laboratorial de radiojornalismo.

² Aluna líder do grupo e estudante do 7º. Semestre do Curso de Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo, da Universidade Federal do Ceará, email: debmedeiros@gmail.com.

³ Estudante do 7º. Semestre do Curso de Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo, da Universidade Federal do Ceará, email: rfd.felix@gmail.com.

⁴ Orientador do trabalho. Professor do Curso de Comunicação Social, da Universidade Federal do Ceará, email: nonatolima@uol.com.br.



tiveram total liberdade de criação, considerando os cerca de 30 minutos de duração do programa. O professor apresentou as possibilidades de conteúdo da rádio-revista e discutiu conosco alguns programas produzidos pelas turmas anteriores.

A primeira preocupação da equipe formada pelos estudantes Alan Santiago Norões Queiroz, Antônia Emanuele Silva Sales, Bruno Reis Lima, Débora Maria Moura Medeiros, Janaína Bezerra Pinto, Luar Maria Barbosa Brandão, Mayara Carolinne Beserra de Araújo, Roberta Felix Duarte e Tayce Mayara Bandeira foi como fazer um programa interessante para jovens sem ter de recorrer a modelos gastos ou temas superficiais, nem atribuir estereótipos ao nosso público-alvo. Tentamos imprimir a proposta jovem ao tema do programa, que seria fixo, variando o conteúdo a cada edição.

Dois temas pensados foram “Lugares da cidade ocupados por jovens” e “Perfis de jovens protagonistas sociais”. No entanto, percebemos que, por mais que fossem temas interessantes e pertinentes, ambos corriam o risco de se esgotar em poucas matérias, além de o programa poder se tornar repetitivo ou afastar uma parte do público. Após novas discussões, foi decidido que a marca jovem estaria na forma e na abordagem. O desafio era, então, explorar as possibilidades do gênero rádio-revista. Outra preocupação da equipe foi trabalhar os assuntos da forma como jovens os pensariam – o que não foi dificuldade, visto que a equipe se encaixa no perfil.

2 OBJETIVO

O maior desafio em produzir um programa voltado para o público jovem é desprender-se das velhas fôrmas já gastas, sem cair nos clichês atribuídos à juventude. Como estudantes de Comunicação, procuramos levar em conta o percurso dialógico cumprido pela mensagem, mesmo nos meios de comunicação de massa:

A crítica ao processo tradicional de comunicação – isto é, uma mensagem que viaja de uma fonte por um canal até um receptor que a decodifica – ressalta as possibilidades reversíveis. A viagem é bidimensional. O receptor não é unicamente um objeto, mas também um outro sujeito que se comunica e interage com uma fonte. A comunicação viaja nas duas direções. (CANEVACCI, 1997, p. 43)

Era preciso considerar que o jovem é um dos receptores mais seletivos, dada sua convivência intensa com os produtos midiáticos. O programa deveria possuir conteúdos adequados aos próprios usos do receptor, interagindo com a realidade vivida por ele, em uma concepção realista e o menos generalista possível do público. Por usos, entenda-se a



apropriação da mensagem pelo receptor de maneira prática e, muitas vezes, distinta – porém igualmente válida – daquela planejada pelo emissor.

(...) ao interpretar as formas simbólicas, os indivíduos as incorporam na própria compreensão que têm de si mesmos e dos outros. Eles as usam como veículos para reflexão e auto-reflexão, como base para refletirem sobre si mesmos, os outros e o mundo a que pertencem. (THOMPSON, 1998, p. 45)

Antes de tudo, Outras Ondas deveria ser um programa aberto a diversas interpretações e realidades, pois a juventude não é uma só:

(...) num contexto em que atuam fatores sociais, culturais, familiares e pessoais, os jovens assumem idéias e comportamentos completamente diferentes. Há os que querem reproduzir a vida e os valores da família e da sociedade, há os que contestam, rejeitam e querem mudar; os que fogem, os que lutam, os que assistem, os que atuam... Enfim, existem inúmeras escolhas. (BECKER, 1999, p. 13)

Assim, a consciência de que o receptor não é passivo e de que cada receptor vive uma realidade diversa e se apropria da mensagem baseando-se nela esteve presente ao longo de todo o processo de produção do programa, desde a escolha das pautas até a veiculação. Tudo isso para atender ao objetivo maior do programa: falar ao jovem.

3 JUSTIFICATIVA

O trabalho, como ápice de uma formação de três cadeiras voltadas para o segmento do rádio (Introdução às Técnicas Jornalísticas – módulo de rádio, Radiojornalismo I e Radiojornalismo II), seria uma ótima oportunidade para colocar em prática todos os conhecimentos acumulados até então, tanto nos aspectos técnicos da redação específica para o rádio quando na utilização de seus mais diversos formatos e produtos jornalísticos.

Procuramos fazer com que a pauta de cada participante estivesse relacionada com seu próprio universo, viabilizando, assim, um discurso com mais propriedade e, por mais íntimo com o assunto, também mais extrovertido. Além disso, não poderíamos esquecer que, mesmo como estudantes de jornalismo, não estávamos muito distantes do nosso público alvos, afinal somos todos também jovens universitários.

O critério usado para a definição das matérias, então, foi aquele que reunisse nossos próprios interesses com o interesse do público, não nos furtando, portanto, de abordar nenhum tema. Cultura, lazer, esporte, comportamento: nenhum assunto foi deixado de lado,



posto que a especificidade do conteúdo jovem, acreditamos, não está necessariamente no tema a ser abordado, mas principalmente na linguagem adotada para veicular esse conteúdo. Assim, tentamos fazer um programa descontraído, com bastante uso de músicas, diálogo entre os repórteres, comentários antes e depois das matérias.

Entre as reportagens contidas nas edições desta série, os assuntos abordados foram diversos e várias vezes se misturaram. O vegetarianismo entre universitários em Fortaleza é uma pauta que reúne comportamento, saúde e jornalismo de cidade, aproveitando o crescimento desse fenômeno como mote para a discussão, levantada pela reportagem e aproveitada pelos produtores durante o programa. O perfil da jovem Shéryda Lopes é outro momento que aproxima vários enfoques: a matéria conta um pouco da história da moça e do bairro onde ela atua. Um exemplo do protagonismo que pode estimular outros jovens. Já a resenha musical dá ao ouvinte uma amostra de música eletrônica feita pela banda cearense Montage: um ritmo que agrada a muitos jovens, quase inédito na Rádio Universitária, mas também um som feito por jovens cearenses e nacionalmente destacado. Esses são alguns exemplos da forma como a nossa abordagem pode ser próxima, atraente, criativa e informativa.

4 MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

Conhecido pelas especificidades técnicas acessíveis, o rádio permite um esquema de trabalho flexível, em que cada membro da equipe possui autonomia para fazer sua parte e, em seguida, uni-la ao todo com coerência. Assim, na confecção do programa Outras Ondas, os assuntos das reportagens, entrevista e outros conteúdos são decididos em reunião de pauta da equipe e o único critério é que estejam de acordo com a periodicidade semanal da rádio-revista. Não há editor que centralize ou distribua funções; cada um assume uma pauta com a qual tenha afinidade e se compromete em produzi-la.

Em seguida, os membros da equipe saem a campo e colhem os elementos necessários para suas matérias. Caso o estudante tenha ficado responsável por produzir uma reportagem, é ele quem deve ir em busca de entrevistados e gravar as conversações no próprio gravador digital, aparelho cada vez mais popular, visto que vem embutido em muitos tocadores de MP3. Mesmo aqueles que assumiram conteúdos que não necessitem de uma apuração essencialmente jornalística executam um processo de produção criterioso. O resenhista, por exemplo, coleta o material necessário para ilustrar o seu texto, seja



escolhendo uma música, lendo um trecho de um livro ou mesmo capturando o áudio de um filme.

Todos obedecem a um dead line anterior ao dia da gravação do programa e apresentam os conteúdos captados para que o roteiro possa ser redigido de maneira coerente. Quem escreve o roteiro já leva em conta a edição que será feita do programa gravado, inserindo marcações para a entrada de vinhetas, cortinas, BGs, sonoras e demais recursos de áudio necessários. Assim, busca-se extrair o máximo do potencial do meio, de modo que texto e som se complementem e atinjam o objetivo desejado: um programa dinâmico que agrade o público jovem. Afinal, a linguagem não se restringe só ao texto: uma utilização conservadora dos recursos de áudio, por exemplo, poria em risco a proposta da rádio-revista. Era preciso inovar também nessa área.

A gravação foi feita no estúdio do curso, com o auxílio do operador de áudio Florêncio Neto. À época em que os primeiros programas foram gravados, o estúdio havia passado por uma reforma completa, com a instalação de uma nova mesa de som, e ainda não estava funcionando de maneira totalmente satisfatória: o retorno apresentava interferências da Rádio Universitária, cuja antena se localiza a poucos metros dali, e os microfones não estavam todos devidamente equalizados, com variações constantes de timbre e volume.

Desta forma, surgiu uma preocupação extra no momento da edição: além de seguir o que fora planejado no roteiro, inserindo os recursos de áudio previstos, foi necessário realizar um trabalho abrangente de tratamento de som, para que o material atendesse aos requisitos de veiculação da Rádio Universitária. Para isso, o programa de edição de áudio e vídeo Sony Vegas mostrou-se de grande utilidade, principalmente devido à possibilidade de mixar os sons em várias camadas diferentes, com a primeira camada reservada para a locução, a segunda para o BG, cortinas e vinhetas e assim por diante. A equalização foi feita através de ferramentas contidas no programa, como a Graphic EQ.

Por fim, o arquivo foi convertido para o formato MP3, gravado em CD, e entregue para veiculação na Rádio Universitária.

5 DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO

Outras Ondas é gravado, mas os participantes optaram por fazer o programa “em clima de ao vivo” para garantir a leveza e a dinâmica desejáveis pelo público. Assim, o roteiro não é lido, mas “conversado”, necessitando da presença de todos os participantes



daquela edição no estúdio. A linguagem é descontraída, mas não descuidada: evitam-se gírias e outros vícios da oralidade. As reportagens, cortinas e músicas de fundo são inseridas na edição.

Os assuntos abordados são todos aqueles que possam despertar a atenção do jovem; e, quando forem relevantes mas não parecerem atraentes por si sós, a equipe procura um enfoque que aproxime público e assunto. O tratamento é descontraído, porém não superficial. Em cada reportagem, entrevista, crônica ou qualquer outro formato possível está presente a intenção de informar e de educar.

A estrutura de Outras Ondas é aberta a variações no formato, dada a intenção da equipe de tirar o máximo proveito da flexibilidade do gênero rádio-revista. O programa foi elaborado com base em alguns elementos fixos: reportagem, entrevista, música e resenha, finalizando com uma “rapidinha cultural”, em que a equipe dá sugestões de espetáculos, livros, discos, filmes, entre outros. Podem ser inseridas outras maneiras de apresentar o conteúdo: perfil, rádio-drama, crônica ou até um breve rádio-debate. A intenção é encaixar um desses elementos opcionais a cada programa.

Em se tratando da distribuição dos conteúdos, a equipe escolheu o revezamento das funções de repórter, locutor, produtor, entrevistador e resenhista, para que todos pudessem agregar suas perspectivas diferenciadas à totalidade do programa. Essa foi uma opção relativa também ao caráter de laboratório da disciplina, para que cada um pudesse aprender em experiências variadas. Durante a gravação, cada participante pode comentar sobre o tema que abordou naquela semana ou sobre os bastidores da cobertura, de acordo com as chamadas dos locutores (previamente planejadas para não tomar mais que o tempo necessário).

Vejamos um a um os elementos que compõem Outras Ondas, de acordo com a classificação dos gêneros radiofônicos adotada por Robert McLeish (1999):

- **Reportagem:** Elemento de maior peso jornalístico no programa. A pauta fica à escolha do repórter, que é o responsável pela produção, apuração, redação e edição da matéria, podendo receber ajuda da equipe. Cada reportagem dura cerca de três minutos, sendo no máximo três reportagens a cada edição, podendo uma delas ser substituída por um dos elementos opcionais. Algumas reportagens são seguidas de conversa entre os presentes no estúdio.

- **Entrevista:** A cada programa, um convidado participa da conversa conduzida por um entrevistador (que não seja um dos locutores). O convidado pode ser um especialista em certo assunto, alguém envolvido em determinado evento ou mesmo alguém com uma boa



história a contar: a escolha é feita considerando o assunto que será tratado. A duração média é de 5 minutos. Durante o programa, o entrevistado pode ser chamado pelos locutores a falar, e no fim, faz sua sugestão na “rapidinha cultural”.

- **Resenha:** Um dos participantes fica responsável por apresentar ao ouvinte uma banda, livro ou algum outro produto ou evento cultural. Sendo uma banda, é acompanhada pelo suplemento musical do dia, para dar uma amostra ao ouvinte. Dura cerca de 2 minutos e preenche a parte opinativa do programa.

- **“Rapidinha cultural”:** Encerrando o programa, todos os participantes da edição indicam um produto ou evento cultural. Este espaço funciona como uma agenda: pode incluir espetáculos, seminários, exposições; mas também livros, discos e filmes.

- **Perfil:** Uma reportagem cujo foco é apresentar uma pessoa, escolhida pelo interesse que suas ações podem despertar no ouvinte. O personagem pode ser um jovem que desenvolva atividades especiais, participe de algum projeto ou cuja história represente uma realidade mais ampla.

- **Rádiodrama:** Dramatização sonora que visa contar uma história verídica ou fictícia, através do uso de personagens e efeitos sonoros, com um roteiro pré-concebido. O rádiodrama traz a possibilidade de inovar na linguagem, levando o ouvinte a interagir com a narrativa.

- **Rádio-debate:** Dois ou mais convidados discutem um tema geralmente polêmico, em que cada um tenha uma perspectiva diferente do assunto abordado. Sua principal vantagem é apresentar de maneira dinâmica e acessível os vários lados envolvidos em uma questão e seus principais argumentos, para que o ouvinte possa formar a própria opinião.

- **Crônica:** O elemento de formato mais flexível dentro do programa. Apresenta alguma experiência pessoal de um dos produtores, desde que tenha interesse para o público-alvo. A abordagem é subjetiva, criativa, mas sem deixar de lado a informação. Um exemplo realizado foi um registro de viagem feita por uma das repórteres, apresentado em formato de entrevista.

- **Trilha sonora:** Uma das marcas do dinamismo do programa é a trilha sonora. A cada edição, é escolhido um álbum ou banda, do qual são retiradas as músicas para cortinas, músicas de fundo (também conhecidas como BGs ou backgrounds) e outras inserções. Os locutores apresentam a banda ou álbum constante na trilha do dia, referenciando-o com alguma informação.

A disposição dos elementos no roteiro segue uma ordem em que a prioridade é equilibrar os textos e não cansar o ouvinte. Essa ordem pode variar com o conteúdo do dia.



Geralmente, as reportagens são intercaladas por inserções musicais e conversas breves dos participantes; com o cuidado de posicionar a entrevista na metade do programa, que é sempre encerrado pela “rapidinha cultural”. A colocação da resenha e dos elementos opcionais (crônica, suplemento musical, perfil) varia de roteiro para roteiro. Procura-se respeitar a alternância das funções e a harmonia entre os conteúdos de uma determinada edição, até para que os locutores planejem o roteiro criando links entre os quadros. A trilha sonora é decidida em grupo e eventualmente de acordo com os assuntos do programa.

6 CONSIDERAÇÕES

Os programas foram ao ar no final do semestre letivo 2008.1, o qual se estendeu pelo período de fevereiro a junho de 2008. Emissora ligada à Universidade Federal do Ceará, a Rádio Universitária 107,9 FM disponibilizou 30 minutos semanais em sua grade de programação para os experimentos concluídos.

A série foi bem recebida pela comunidade acadêmica e pelos ouvintes em geral, tendo seu caráter inovador reconhecido. Chegou-se a considerar propor à direção da Rádio Universitária dar prosseguimento às emissões como parte regular da grade, mas as demandas renovadas por mais um semestre que se iniciava, em 2008.2, demoveram os membros da equipe, cada vez mais próximos da conclusão do curso e tendo de inserir-se no mercado de trabalho.

Porém, a criação da série Outras Ondas proporcionou um aprendizado duradouro e deixou em toda a equipe a consciência de que o rádio é um veículo flexível e instigante, o que traz esperanças de que, um dia, o projeto de tornar o programa fixo na grade de programação da Rádio Universitária se concretize.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BECKER, Daniel. **O que é adolescência**. São Paulo: Brasiliense, 1999.

CANEVACCI, Massimo. **A cidade polifônica**. São Paulo: Nobel, 1997. P43.

MCLEISH, Robert. **Produção de rádio**: um guia abrangente de produção radiofônica. São Paulo: Summus, 1999.



THOMPSON, John B.. **A mídia e a modernidade:** uma teoria social da mídia. Rio de Janeiro: Vozes, 1998.